

Um retrato do abuso sexual contra crianças e adolescentes no Brasil

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma epidemia silenciosa. Medo, dependência do abusador e falta de informação são alguns dos fatores que pesam para fazer com que crimes dessa natureza sejam amplamente invisibilizados e desconhecidos por grande parte da população.

Mesmo quando as denúncias ocorrem, o caminho nem sempre é seguro. Sistemas de proteção desarticulados e profissionais pouco preparados muitas vezes obrigam as vítimas a reviver seus traumas incontáveis vezes ao relatarem os abusos para diversos agentes públicos, **encontrando questionamentos e dificuldades em um momento em que deveria haver acolhimento e proteção.**

A cada hora, são registradas **8** ocorrências de estupro contra crianças e adolescentes. Apenas **11%** das vítimas denunciam esses crimes.[1]

78% das vítimas de estupro no Brasil têm menos de 18 anos; **61%** têm até 13 anos.[2]

Em **85%** dos registros de estupro de vulnerável, a vítima é uma menina.[3]

69% dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes de até 13 anos ocorrem dentro de casa.[4]

Em **63%** dos casos, o abusador é um familiar. E em **29%** é um conhecido da vítima.[5]

Crianças com deficiências têm **4.6x** mais risco de sofrerem violência sexual.[6]

Comumente praticados por alguém próximo e na maior parte das vezes dentro de casa, as violências sexuais sofridas por crianças e adolescentes são de difícil compreensão para as vítimas.

Sem as informações necessárias, é difícil perceber que certos comportamentos e ações não são normais, ainda mais quando o agressor é alguém de confiança. Denunciar também é complexo, porque a violência costuma vir acompanhada de ameaças e manipulação, alienando cada vez mais a criança ou o adolescente. **O resultado é um isolamento que perpetua um ciclo vicioso de consequências negativas que perpassam uma vida inteira, se não gerações, sem ser quebrado.**

Faces de um ciclo de violências

Sem acolhimento, escuta especializada e justiça, as violências sofridas na infância e na adolescência se perpetuam. Muitas vítimas seguem expostas a novos abusos, relacionamentos violentos e exclusão.

Problemas de saúde

A violência sexual deixa marcas profundas na saúde física e mental, podendo se manifestar em: depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, automutilação, risco de suicídio e uso de álcool e outras drogas.

Gravidez precoce

A gravidez na adolescência é, muitas vezes, consequência direta de violência sexual. Ela interrompe estudos, aumenta a dependência financeira, dificulta oportunidades de trabalho e perpetua ciclos de pobreza e vulnerabilidade.



Casamento infantil

Gravidez precoce, necessidade de sustentar um lar, o trauma físico ou psicológico, todos são fatores que aumentam o risco de evasão escolar e comprometem enormemente o futuro das vítimas.

Evasão escolar

Muitas vítimas de violência sexual, sobretudo as que resultam em gravidez, se veem obrigadas a assumir a criação do filho ou a constituir uniões precoces, normalizando abuso, interrompendo estudos e limitando sua autonomia.

Gravidez precoce

303.281 meninas entre 10 e 19 anos deram à luz em 2023 (12% de todos os nascimentos do país).[7]

13.939 dessas meninas tinham menos de 14 anos - portanto vítimas de estupro de vulnerável.[8]

57 bebês por dia, em média, nasceram de meninas entre 10 e 14 anos, entre 2014 e 2023.[9]

Um terço das mães adolescentes engravida novamente 12 meses após o parto.[10]

Complicações relacionadas à gravidez ou ao parto são a **3ª maior** causa de morte de adolescentes entre 15 a 19 anos no Brasil.[11]

Casamento infantil

O Brasil é o **1º** país do ranking na América Latina e o **6º** no mundo em números absolutos de casamentos infantis.[12]

São mais de **34 mil** meninas brasileiras entre 10 e 14 anos casadas.[13]

O Brasil registrou **17 mil** casamentos de meninas com até 17 anos, só em 2022.[14]

Meninas que se casam antes dos 18 têm **mais risco** de sofrer violência doméstica e estupro marital.[15]

Estar casada ou em união estável aumenta em **96%** a chance de gestação repetida na faixa etária de 10 a 14 anos.[16]

Observação: O IBGE computa como casamento as uniões formais e informais, de acordo com o retorno dos entrevistados.

Evasão escolar

A **2ª maior** causa de abandono escolar por meninas é a gravidez na adolescência.[17]

30% das mães de até 19 anos não completam os estudos.[18]

Mães que engravidam até os 20 anos ganham em média **30% a menos** que outras mulheres. [19]

A gravidez na adolescência custa **USD 3.5 bilhões** de produtividade por ano ao Brasil.[20]

Estudos internacionais apontam que o abuso infantil pode resultar em chances até **41% maiores** de abandono do ensino médio .[21]

Este material apresenta um panorama de um dos crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes, o estupro — situações em que a vítima é coagida, manipulada por desconhecimento ou forçada a participar de atos de natureza sexual, presencialmente ou online.

A exploração sexual, que envolve troca de favores, dinheiro ou benefícios por sexo, constitui outro tipo de violência e não é abordada neste material. Nela, crianças ou adolescentes são tratadas como objeto em uma relação mercantilizada, podendo ocorrer online ou presencialmente.

Parlamentar, seu papel é decisivo! Crianças e adolescentes dependem da sua atuação para estarem mais protegidos.

Acompanhe nossos projetos, engaje-se nas redes e seja um porta-voz dessa causa no Congresso.

Fontes:
[1] DATAFOLHA, 2022 | [2 3 4 5] Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025 | [6] Atlas da Violência 2025 | [7 8 9] SINASC | [10] Associação Nacional de Ginecologia e Obstetrícia, 2020 | [11] OMS, 2021 | [12] Girls Not Brides Atlas, 2024 | [13 14] IBGE, Censo Demográfico, 2022 | [15] Jornal da Associação Internacional de Epidemiologia, 2017 / Nações Unidas Brasil, 2017 | [16] Revista da Associação Médica Brasileira, 2023 | [17] PNAD Contínua Educação, 2024 | [18] Fundação Abrinq, 2019 | [19] USP, 2020 | [20] Banco Mundial, 2011 | [21] Health Economics, 2022

CHILDHOOD PELA PROTEÇÃO DA INFÂNCIA — childhood.org.br @childhoodbrasil

LIBERTA — liberta.org.br @institutoliberta

PLAN INTERNATIONAL — plan.org.br @planbrasil